

As cartas jesuíticas e os gêneros do discurso

The Jesuit letters and the speech genres

 Cesar Augusto de Oliveira Casella

Resumo: Este trabalho, de viés discursivo, apresenta reflexões que se inserem no estudo das letras coloniais brasileiras. O objetivo principal é o de investigar e discutir o gênero epistolar como um gênero discursivo, como é compreendido na perspectiva bakhtiniana. Para isto, faz-se uma análise de alguns dos textos fundamentais de Alcir Pécora e de João Adolfo Hansen nos quais as cartas jesuíticas foram tratadas. Metodologicamente, portanto, a pesquisa trabalha com um *corpus* de arquivo, ou seja, com enunciados presentes em textos já publicados em livros, tomando-os em chave comparatista. O resultado fundamental é a compreensão das cartas jesuíticas como um gênero discursivo, o que permite entender as condições de produção dos enunciados jesuíticos e combater certo anacronismo interpretativo. Por fim, avança-se uma hipótese da importância da noção de <sujeito discursivo> para a correta compreensão da representação dos indígenas na epistolografia colonial.

Palavras-chave: Cartas jesuíticas. Gêneros do discurso. Bakhtin.

Abstract: This work, with a discursive bias, presents reflections that are part of the study of Brazilian colonial letters. The main objective is to investigate and discuss the epistolary genre as a discursive genre, as understood in the Bakhtinian perspective. For this, an analysis is made in some of the fundamen-

Cesar Augusto de Oliveira Casella. Mestre em Linguística Aplicada (IEL/Unicamp). Professor de Língua Portuguesa e Linguística (UEG/Campus Cora Coralina). E-mail: cesar.casella@ueg.br



tal texts by Alcir Pécora and João Adolfo Hansen in which the Jesuit letters were treated. Methodologically, therefore, the research works with an archival *corpus*, that is, with enunciation present in texts already published in books, taking it in a comparative perspective. The fundamental result is the understanding of the Jesuit letters as a speech genre, which allows the knowledge of the production's conditions of Jesuit statements and combat certain interpretive anachronism. Finally, a hypothesis of the importance of the notion of <discursive subject> is made in order to seek the correct understanding of the indigenous peoples' representation in epistolary' colonial studies.

Keywords: Jesuit letters. Speech genres. Bakhtin.

Os gêneros do discurso na perspectiva de Bakhtin

É bastante conhecida a definição de <gêneros do discurso> de Mikhail Bakhtin e talvez se possa dizer que ela se transformou em uma espécie de máxima. O trecho – ou a máxima... – consigna que “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora os seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2016, p. 12).

O conceito de <gêneros do discurso>, sem embargo de maiores e melhores considerações posteriores, funciona para categorizar a articulação entre o individual, o enunciado em particular, a ocorrência concreta de um texto (oral ou escrito), e o social, o campo comunitário de uso da língua e da linguagem, a estrutura (histórica e cultural) que condiciona a emergência do enunciado.

Como explicam Beth Brait e Rosineide de Melo, a noção de enunciado é central na própria concepção bakhtiniana de linguagem, pois que esta última “é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social, que inclui, para efeitos de compreensão e análise, a comunica-

ção efetiva e os sujeitos e discursos nela envolvidos” (BRAIT; MELO, 2007, p. 65). Importa salientar que o viés bakhtiniano da teoria enunciativo/discursiva da linguagem faz com que a noção de enunciado esteja estreitamente vinculada aos gêneros discursivos, assim como está ligada a outros importantes e conhecidos conceitos de Bakhtin (dialogismo, signo ideológico, polifonia, interação etc.)

Isto permite registrar, neste primeiro momento, a intenção de ver as cartas jesuíticas como enunciados, nesta perspectiva bakhtiniana, em um esforço para que elas possam ser pensadas na articulação (individual/social) que faz emergir os gêneros do discurso. Aliás, como adverte Bakhtin:

O desconhecimento da natureza do enunciado e a relação indifferente com as peculiaridades das diversidades de gênero do discurso em qualquer campo de investigação linguística redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida. Ora, a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua. (2016, pp. 16-17)

Do que resulta, neste estudo, uma pretensão metodológica de fugir ao formalismo simplista e a uma certa apropriação anacrônica, no sentido crítico que João Adolfo Hansen (2019) dá a esta noção, quando estipula os parâmetros do ensaio *Ler & ver: pressupostos da representação colonial*, em que afirma a sua tentativa de “especificar lógicas discursivas e condicionamentos materiais e institucionais da representação colonial, produzindo um diferencial histórico que permite relativizar e criticar suas apropriações anacrônicas” (HANSEN, 2019, p. 25). Assim, busca-se refletir se é possível ver as cartas jesuíticas – a



materialização da correspondência trocada entre os missionários jesuítas, que vieram ao Brasil colônia no século XVI, e seus irmãos de ordem espalhados na Europa e na Ásia – como um gênero do discurso, tentando evitar a deformação da historicidade da investigação e tentando evitar o apagamento das relações da língua com a vida.

Reconhecidamente, o pensamento bakhtiniano está atrelado a uma obra teórica profícua e variada, o que, como alerta José Luiz Fiorin (2008) em *Introdução ao pensamento de Bakhtin*, acaba por servir à diferentes propósitos e faz com que os seus conceitos sejam moldados conforme pressupostos variados.

Tome-se como exemplo – o que é também uma oportunidade de reflexão mais geral – a apropriação do conceito de <gêneros do discurso> pela prática pedagógica brasileira, feita a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e do estabelecimento de que o ensino de língua portuguesa deve ser feito com base nos gêneros, o que gerou materiais didáticos “que vêem o gênero como um conjunto de propriedades formais a que o texto deve obedecer” (FIORIN, 2008, p. 60), transformando o gênero discursivo em um produto e o seu ensino em uma atividade prescritiva.

Entretanto, o que interessa para o pensamento bakhtiniano não é o produto em si, mas sim o processo de produção dos gêneros do discurso, isto é, o modo como eles se constituem em relação aos condicionantes históricos. Dito de outro modo, o interesse central é a ligação intrínseca das atividades humanas com a utilização da língua e, em consequência, a relação entre a linguagem e a história.

Por isso, na reflexão derivada de Bakhtin, “os enunciados devem ser vistos na sua função no processo de interação” (FIORIN, 2008, p. 61), como objetos de estudo que permitem acesso ao discurso, o qual emerge justamente na relação entre a história e a linguagem. Desta

perspectiva, por um outro caminho, é que se pode postular o estudo das cartas jesuíticas como enunciados e chegar ao argumento de que:

Não se produzem enunciados fora das esferas de ação, o que significa que eles são determinados pelas condições específicas e pelas finalidades de cada esfera. Essas esferas de ação ocasionam o aparecimento de certos tipos de enunciados, que se estabilizam precariamente e que mudam em função de alterações nessas esferas de atividades. (FIORIN, 2008, p. 61)

O que leva a reflexão para o escopo da determinação das condições específicas da produção das cartas jesuíticas e para a identificação das finalidades da esfera de ação da Companhia de Jesus. Ambas, condições e ações, são recuperadas na estabilidade relativa dos enunciados concretos, na configuração dos textos em gêneros do discurso.

Neste sentido, por exemplo, é possível agregar – justapor, talvez... – o pensamento bakhtiniano ao ensaio de João Adolfo Hansen, que busca “uma arqueologia da representação colonial”, reconstruída “sincronicamente, segundo as categorias e os preceitos de seu presente, e diacronicamente, segundo suas apropriações e valores-de-uso” (HANSEN, 2019, p. 25), buscando uma compreensão mais ampla das letras coloniais.

As cartas jesuíticas

Não sendo possível tratar ou resumir a fortuna crítica derivada dos estudos de João Adolfo Hansen e Alcir Pécora, por questões de espaço e de abordagem, opta-se por refletir minimamente sobre as cartas jesuíticas a partir de dois trabalhos cruciais destes estudiosos (HANSEN, 1995; PÉCORA, 2001). Desta maneira, este item pretende aproximar, mesmo brevemente, as noções mais gerais de Mikhail Bakhtin

sobre os <gêneros do discurso>, apresentadas anteriormente, às noções mais específicas do estudo das letras coloniais.

Em *O nu e a luz*, ensaio seminal de João Adolfo Hansen (1995), estuda-se as convenções retóricas e teológico-políticas em cartas do Pe. Manuel da Nóbrega, vendo-as como categorias do pensamento presentes na ‘conquista espiritual’ do gentio brasileiro. O pressuposto anunciado é o de que “a observação do modo como a carta constitui e orienta a própria leitura explicita a historicidade dos critérios de verossimilhança da sua escrita” (HANSEN, 1995, p. 88).

Assim, o ensaio se interessa pelas “maneiras do discurso”, advogando-se que “são as práticas que evidenciam os atos da invenção do agente histórico da correspondência e o *éthos* aplicado por ele à enunciação como decoro estilístico adequado à conformação de destinatários e assuntos determinados” (HANSEN, 1995, p. 88).

Do que se retira uma série de considerações: 1. A carta jesuítica constitui e orienta a sua própria leitura; 2. Há um critério histórico de verossimilhança da escrita das cartas jesuíticas; 3. São importantes as maneiras pelas quais o discurso é apresentado; 4. A enunciação pode ser vista como decoro estilístico. Talvez seja possível aproximar esta série de considerações da reflexão bakhtiniana que assevera que “falamos apenas através de certos gêneros do discurso”, que “todos os nossos enunciados têm formas relativamente estáveis e típicas de construção do conjunto” (BAKHTIN, 2016, p. 38).

Se isto for possível, se evidenciaria que o gênero discursivo <carta>, em sua tipicidade, constrói e orienta a sua própria leitura, em um quadrante histórico, pois qualquer gênero é instável e mutável, assim como ele configura-se a partir das práticas efetivas de escrita e adequa-se ao todo da interação.



Em *A arte das cartas jesuíticas do Brasil*, trabalho fundamental de Alcir Pécora (2001) sobre as cartas dos jesuítas brasileiros, o autor afirma que as trata “enquanto manifestação de um gênero” e “de uma longa tradição formal particular” (2001, p. 17), a da *ars dictaminis*. Pécora ressalta que há uma certa implicação hermenêutica de sua abordagem, a saber, a de que as cartas jesuíticas “não são absolutamente uma tábua em branco impressionada por acontecimentos vividos pelos missionários – nem objetivamente”, “nem subjetivamente” (2001, p. 18).

As cartas jesuíticas, se vistas pelo prisma proposto por Pécora, isto é, como resultado de um gênero e de uma tradição formal específica, são “um mapa retórico *em progresso* da própria conversão” (2001, p. 18, grifo do autor). Deste modo, elas são

[...] um instrumento decisivo para o êxito da ação missionária jesuítica, de tal modo que as determinações convencionais da tradição epistolográfica, revistas pela Companhia e aplicadas aos diversos casos vividos, mesmo os mais inesperados, sedimentam sentidos adequados aos roteiros plausíveis desse mapa. (PÉCORRA, 2001, p. 18)

O que talvez permita mais duas reflexões de viés bakhtiniano. Em primeiro lugar, é possível postular que o êxito das cartas na ação missionária jesuítica pode ser pensado, também, a partir da cadeia dialógica que baseia o corpo místico da Companhia de Jesus. A sociabilidade específica dos jesuítas, então, é vista na ligação entre o uso da linguagem e um campo de atividade humana, a catequese/evangelização, o que leva ao dialogismo e à responsividade ativa, ou seja, demanda pensar na interação verbal e no fato de que “toda compreensão plena é ativamente responsiva” (BAKHTIN, 2016, p. 25).



Visto nesta perspectiva, todo enunciado parte de um enunciado anterior e projeta um outro enunciado como resposta (concordante, discordante, polêmico etc.), pois “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2016, p. 26). Desta generalização teórica pode-se descer ao específico histórico de que “(...) toda carta que se escreve constitui-se também como penhor que obriga o destinatário a respondê-la, da parte do mundo onde estiver, e a cumprir o ciclo de estreitamento de laços devocionais em torno do corpo místico da Companhia de Jesus” (PÉCORA, 2001, p. 61).

Em segundo lugar, a citação pode levar a consideração de que a revisão e a adequação da tradição epistolográfica da *ars dictaminis* às necessidades diversas da Companhia de Jesus, ilustra o postulado da relativa estabilidade dos gêneros do discurso. Desta maneira, o mapa retórico em progresso mostra, em seu verso, o ir e vir presente na constituição de um gênero discursivo.

A relativa estabilidade dos gêneros do discurso

Sem a pretensão de tratar aprofundadamente do universo de conhecimento existente sobre a arte epistolar, este item tenta abordar minimamente a importância do modelo da *ars dictaminis* para a constituição do gênero discursivo das cartas jesuíticas. Mais especificamente, espera-se que seja possível situar os tratados de Erasmo de Rotterdam sobre a escrita das epístolas em relação à relativa estabilidade dos gêneros do discurso, avançando-se para uma exemplificação breve da relativa estabilidade nas cartas jesuíticas.

Partindo do artigo de Ricardo Shibata (2007), que faz um exame detalhado de três tratados sobre a arte epistolar de Erasmo de Rotterdam, é possível afirmar – o que, mesmo parecendo incipiente, deve

bastar para o escopo deste trabalho – que a linha mestra formal da reflexão de Erasmo se articula a um ideal doutrinário de reforma política e religiosa. Assim, é possível ver a reflexão de Erasmo não no âmbito de um manual formal sobre a escrita de cartas, mas sim como um instrumento que trata a epístola em sua dimensão discursiva, no âmbito da ação apologética cristã e da eloquência humanista.

Neste sentido, Shibata (2007, p. 57) afirma que os tratados de Erasmo foram produzidos “como instrumento decisivo de manutenção de uma sociabilidade específica, a qual somente a troca epistolar poderia desempenhar” e que a própria estruturação formal dos tratados, “em perfeita conformidade com o acumulado da tradição epistolográfica, testemunha de modo incontestado o grau de importância a elas atribuída pelo pensamento humanista” (SHIBATA, 2007, p. 57).

Ao se perceber que o trabalho de Erasmo não vai na direção do formalismo e tem como objetivo afirmar a epístola como um gênero que veicula a sociabilidade humanista, é possível notar, lateralmente, que se percebe a carta como um instrumento que porta discursos, como um enunciado que participa de um campo da atividade humana, que as cartas formam uma cadeia dialógica humanista. Progressivamente, conforme explica Shibata (2007), os tratados erasmianos vão ganhando complexidade, pois em

[...] *Opus de conscribendis epistolis* (Basiléia, 1522), Erasmo, ao contrário daquilo que havia sido proposto em seus tratados anteriores, declara que a epístola é, por natureza, um gênero capaz de variações infinitas e qualquer esforço de sistematização para a preceptiva do gênero deveria necessariamente levar em conta possibilidades mais flexíveis de sua formulação. (SHIBATA, 2007, pp. 59-60)



Percebe-se que há, neste sentido, a incorporação de uma reflexão – obviamente sem que os termos precisos sejam estes... – sobre a instabilidade do gênero discursivo, pois, por exemplo, como explica Shibata (2007), a compreensão de que a epístola admite assuntos diversificados e de que não há um único estilo epistolar, leva Erasmo “a crer que os conceitos, tomados *a priori* de brevidade e simplicidade, cuja tradição tão fortemente a arte do *dictamen* e as coleções medievais de cartas haviam acentuado, não possuíam qualquer funcionalidade” (SHIBATA, 2007, p. 60, grifos do original).

É possível acompanhar em Pécora (2001), mesmo sem adentrar as minúcias dos seus dois itens explicativos sobre a *ars dictaminis* e sobre a nova epistolografia dos humanistas, a ligação da estrutura formal das cartas jesuítas com a longa tradição da *ars dictaminis*, bem como a importância de Erasmo nessa longa tradição formal particular, situando-a historicamente. Para Pécora (2001, p. 24), a posição de Erasmo em relação à *ars dictaminis* é algo complexa, tendo mudando ao longo dos seus escritos.

Note-se que Pécora salienta o postulado do estilo flexível em Erasmo, pois ele, às exigências estilísticas de seus contemporâneos, “apõe a perfeita adequação do gênero epistolar a matérias muitas e diversas, de modo que seu estilo deveria necessariamente ser flexível” (PÉCORA, 2001, p. 25). E este é um ponto de articulação importante, porque “[...] é no cerne dessa posição flexível, de adaptação das partes às necessidades da matéria e ao propósito da carta, que a compreensão jesuítica dela tem de ser pensada” (PÉCORA, 2001, p. 26).

Também Hansen (1995, p. 88) assegura que “em sua escrita, a carta jesuítica apropria-se dos esquemas gerais da técnica epistolar da *ars dictaminis* [...]” e explica que “[...] apropriados segundo a orientação eminentemente prática da *devotio moderna* da Cia, como reforço da

piedade cristã na pregação universal, os esquemas tradicionais da *ars dictaminis* são modificados” (HANSEN, 1995, p. 100).

O exemplo dado no ensaio de Hansen – e que aqui se toma como ilustração da relativa estabilidade do gênero do discurso – é o da virtude retórica da brevidade que, embora invocada e expressa nas cartas jesuíticas, “geralmente é substituída pela grande extensão e mescla de assuntos, determinadas justamente pela necessidade de se aproveitarem todas as ocasiões para fornecimento de informações” (1995, p. 100), visto que a troca de correspondência estava sujeita às vicissitudes do tráfego marítimo.

Fica patente que as condicionantes (históricas, culturais e sociais) interferem na constituição do gênero discursivo. Assim, o tráfego marítimo, o suporte material, a orientação da *devotio moderna* da Companhia de Jesus, os conceitos éticos e teológico-políticos da empresa jesuítica etc., fundamentam os enunciados efetivamente concretizados nas cartas jesuíticas.

Esta possibilidade de observar as cartas jesuíticas a partir de suas adaptações, de seus vínculos com necessidades e propósitos contextuais, sejam culturais, sociais e/ou históricos, abre uma observação das pequenas variações que perfazem a instabilidade de qualquer gênero do discurso. Ao mesmo tempo em que se percebe as propriedades comuns a um conjunto de textos de mesmo tipo, observa-se que estas propriedades se alternam continuamente, sincrônica e diacronicamente. Estas variações são como interstícios em que se percebe as finalidades discursivas de um texto.

As considerações de Alcir Pécora (2001) sobre a *captatio benevolentiae* nas cartas do Pe. Manuel da Nóbrega são ilustrativas tanto da relativa estabilidade do gênero quanto da pragmática enunciativa que rege a execução do texto. Neste caso, a variabilidade é bem visível e

Pécora (2001, p. 35) afirma que “são amplos e diversificados os recursos efetuados por Nóbrega”, os quais são utilizados conforme o leitor a que a carta se destina e segundo as situações e os contextos dados, com o fito do “estreitamento amoroso dos membros da Companhia” (PÉCORA, 2001, p. 37).

A relativa estabilidade dos enunciados, que os configuram em <gêneros do discurso>, é importante pois “implica que é preciso considerar a historicidade dos gêneros, isto é, sua mudança, o que quer dizer que não há nenhuma normatividade nesse conceito” (FIORIN, 2008, p. 64). O “relativamente estável” da definição bakhtiniana também indica uma imprecisão das características e das fronteiras dos gêneros, o que auxilia na compreensão do porquê das cartas jesuíticas sejam efetivamente diferentes, apesar de tão semelhantes. Poder-se-ia dizer, em certo viés discursivo, que as cartas jesuíticas são, ao mesmo tempo, estrutura e acontecimento.

Tema, composição e estilo

Retomando o pressuposto bakhtiniano de que “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana” (BAKHTIN, 2016, p. 11), pode-se avançar para a concepção de que os enunciados são reflexos das condições específicas e das finalidades de cada campo da atividade humana em seu conteúdo temático, em seu estilo de linguagem e em sua construção composicional. Assim, “todos estes três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolúvelmente ligados *no conjunto* do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação” (BAKHTIN, 2016, p. 12, grifo do original).

Portanto, na arquitetura bakhtiniana dos gêneros do discurso é fundamental a relação entre o tema, a composição e o estilo. Este item tenta elaborar minimamente uma aproximação entre estes três elementos e uma compreensão das cartas jesuíticas como um gênero do discurso.

Como explica Fiorin, “o conteúdo temático não é o assunto específico de um texto, mas é um domínio de sentido de que se ocupa o gênero” (2008, p. 62). Assim, as cartas jesuíticas oriundas do Brasil apresentariam o tema (a conversão do gentio, a natureza brasileira etc.) e cada uma das cartas trataria de um assunto específico (dificuldade de conversão, abundância da natureza etc.) dentro do mesmo conteúdo temático. É preciso notar que os temas são da ordem do social e do histórico, estando ligados às esferas de utilização da linguagem. Os temas jesuíticos, portanto, estão ligados ao Brasil colônia, aos interesses da empresa jesuítica, aos conceitos éticos e teológico-políticos dos jesuítas, ao estreitamento dos laços entre os membros da Companhia etc.

Neste sentido, a análise feita por Alcir Pécora do quadro temático “da terra” na *narratio* nas cartas do Pe. Manuel da Nóbrega é bem ilustrativa. Por mais que o que texto efetivo das cartas sejam diferentes entre si, Pécora (2001, p. 39) mostra que a parte de relato da *narratio* “estabelece um ‘estado de coisas’, constituído no passado e continuado até o presente, momento em que cabe pensar as formas de intervenção jesuítica nessa situação dada, de modo a transformá-la”.

Assim, a terra fértil, o território extenso, os bons ares, a copiosidade dos alimentos, a diversidade da fauna e da flora, a disposição dos índios em ajudar etc., que formam o lado positivo do relato do quadro temático “da terra” brasileira, sofre um influxo ao ser atravessado pelo relato dos maus costumes, dos vícios e pecados mortais, dos moradores cristãos que nela vivem. Cria-se, então, o tema no sentido bakh-



tiniano: “a terra é sempre potencialmente boa e os cristãos do Brasil costumeiramente ruins” (PÉCORA, 2001, p. 44).

“A construção composicional é o modo de organizar o texto, de estruturá-lo” (FIORIN, 2008, p. 62). Neste ponto, como já se viu neste estudo, o modelo da *ars dictaminis* é fundamental e o seu legado pode ser explorado para explicar a composição das cartas jesuíticas. Entretanto, é preciso não esquecer que neste caso também estão em ação os condicionantes sociais e históricos.

Neste caso, é ilustrativa a análise de Pécora (2001) sobre a *salutatio* nas cartas do Pe. Manuel da Nóbrega, mostrando que ele a entende “sobretudo como aplicação de uma fórmula piedosa, repetida com poucas variações notáveis, seja qual for o lugar hierárquico do destinatário” (pp. 34-35). Contudo, há uma variação de composição que ocorre para diferenciar autoridades leigas e superiores eclesiásticos que não são da Companhia de Jesus, dos irmãos jesuítas e dos moradores da paróquia. Para os primeiros, a piedade é invocada somente enquanto destinatários, é fruto do zelo espiritual. Por outro lado, aos segundos, “a fórmula sempre se aplica inclusivamente”, torna-se um pedido para que “o favor divino recaia sobre um ‘nós’, que reafirma desde logo a ‘união’ que rege o corpo jesuítico ou paroquial” (PÉCORA, 2001, p. 35). Pela alteração composicional há uma alteração do discurso: ao invés do cuidado espiritual com o outro, tem-se a reafirmação do todo do corpo místico jesuítico ou cristão.

A dimensão estilística do gênero discursivo está assentada na seleção dos meios linguísticos. O estilo é, então, “uma seleção de certos meios lexicais, fraseológicos e gramaticais em função da imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva ativa do enunciado” (FIORIN 2008, p. 62). Entre outras coisas, é importante notar que o estilo não é exatamente da ordem do individual, como é visto por certa tradição



de estudos literários e linguísticos, pois que aquele que enuncia seleciona os itens, mas os seleciona dentro de parâmetros sociais e históricos, o que leva a reflexão de volta aos campos de utilização da linguagem.

Como explica Beth Brait, a perspectiva analítica bakhtiniana do <estilo>, ao tentar a ultrapassagem dos estudos tradicionais, “mesmo considerando a existência de estilos de linguagem, dialetos sociais etc., como componentes de um estilo, ou caracterizadores de estilo”, procura “saber sob que *ângulo dialógico* eles se confrontam em uma obra, num texto, num enunciado” (2007, p. 81, grifo do original). Entretanto, o <ângulo dialógico> não pode ser recuperado somente pelos critérios linguísticos (gramaticais, lexicais etc.), pois as relações dialógicas são da ordem do discurso.

Pode-se usar como ilustração deste ponto as considerações de Hansen (2008) sobre os estilos como um dos estratos das cartas do Pe. Antônio Vieira. Mesmo que se enumere os estilos (simples, médio, humilde, engenhoso etc.) como caracterizadores de texto, Hansen (2008) explica que eles são “aplicados como adequação das palavras ao gênero, às questões indefinidas, às questões definidas, às circunstâncias, às pessoas e às posições sociais do remetente e destinatário” (p. 289), portanto, pode-se postular que eles são vistos por um ângulo dialógico.

Nesta análise das cartas do Pe. Antônio Vieira aparece também a importância que a imagem constituída do interlocutor, bem como a presunção de sua compreensão responsiva ativa, tem na seleção dos meios (gramaticais, lexicais, fraseológicos etc.) de construção da carta. Assim, explica Hansen (2008), “muitas figuras patéticas, associadas aos movimentos intelectuais da alma do remetente, são aplicadas persuasivamente no estilo da narração” (p. 290). Talvez a própria ideia de persuasão dê a dimensão da importância da constituição de um destinatário responsivo ativo, aludido acima.



A hibridização dos gêneros discursivos

Na reflexão bakhtiniana, é importante assinalar a diferença entre os gêneros discursivos primários, chamados também de simples, e os gêneros secundários, tidos como complexos. Como explica Irene Machado (2007), “trata-se de uma distinção que dimensiona as esferas de uso da linguagem em processo dialógico-interativo” (p. 155).

Este item procura refletir sobre as cartas jesuíticas a partir destas noções, porém não busca a identificação classificatória. A intenção é trazer a relação entre os gêneros primários e secundários para pensar as cartas jesuíticas no processo dialógico e interacional que as vincula a um campo de atividade humana. Isto poderia fazer ver, por outro modo, o discurso que emana delas, levando em conta que:

A própria relação mútua dos gêneros primários e secundários, bem como o processo de formação histórico dos últimos, lançam luz sobre a natureza do enunciado (e antes de tudo sobre o complexo problema da relação de reciprocidade entre linguagem e ideologia, linguagem e visão de mundo). (BAKHTIN, 2016, p. 16)

Fiorin (2008) explica que os gêneros primários “são os gêneros da vida cotidiana. São predominantemente, mas não exclusivamente, orais. Pertencem à comunicação verbal espontânea e tem relação direta com o contexto mais imediato” (p. 70). Os gêneros secundários, por seu turno, “pertencem à esfera da comunicação cultural mais elaborada” e “são preponderantemente, mas não unicamente, escritos” (FIORIN, 2008, p. 70). São tidos como complexos porque “no processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários” (BAKHTIN, 2016, p. 15).



As cartas jesuíticas, vê-se, podem ser classificadas como sendo do gênero secundário, por pertencerem a um âmbito de comunicação mais elaborado. Além disto, pode-se refletir que ao buscarem aproximar-se da conversação, da oralidade, as cartas jesuíticas absorveram e transformaram gêneros primários em sua elaboração.

Ao estabelecer procedimentos para a leitura das cartas do Pe. Vieira, Hansen (2008) explica as diretrizes que regem as cartas jesuítas e, ao tratar da tradição das cartas familiares, ilustra o ponto acima:

Escritas nos dois gêneros, *familiaris* e *negotialis*, especificados na arte antiga de escrever cartas, a *ars dictaminis*, as cartas figuram as pessoas do remetente e dos destinatários imitando sua fala, caracteres e afetos como “pessoas naturais”. A carta familiar trata de matérias civis, geralmente assuntos do interesse do remetente e do destinatário. É *sermo*, “fala”, na definição de Cícero, ou *colloquium*, “colóquio”, segundo Erasmo, sobre assuntos discutidos entre amigos ausentes. (p. 276)

Assim, o desiderato de longa tradição (*sermo*, *colloquium*, diálogo entre ausentes etc.) mostra o esforço de incorporação de traços da comunicação oral na escrita, levando ao desejo da carta breve, em estilo simples e claro.

Além disto, os gêneros do discurso podem se hibridizar. “Um gênero secundário pode valer-se de outro secundário em seu interior ou pode imitá-lo em sua estrutura composicional, sua temática e seu estilo” (FIORIN, 2008, p. 70). As possibilidades da hibridização são de grande impacto sobre a compreensão dos gêneros, e Bakhtin as explorou em suas obras sobre o romance, principalmente.

Como ilustração da hibridização, pode-se recorrer à discussão sobre as diferenças entre a epístola e a carta, feita por Hansen (1995), a partir



do trabalho de Deissman. Na discussão, Hansen lembra que o “mesmo discurso pode mudar de estatuto conforme as apropriações, que produzem valores de uso distintos do inicial” (1995, p. 90), o que fez com que as cartas jesuíticas mesclassem procedimentos da <carta> com elementos da <epístola>, “formando uma espécie de gênero misto refratário à sua classificação como ‘carta’ ou ‘epístola’” (HANSEN, 1995, p. 90).

Mais que isto, o fato de que as cartas jesuíticas foram posteriormente traduzidas ao latim e compiladas em livros, e assim circularam pela Europa, funcionando de outra maneira, em outro suporte e dentro do programa de evangelização da Companhia de Jesus, mostra que o gênero depende do uso, ou melhor, que o gênero do discurso está vinculado a um campo de utilização da linguagem.

O sujeito do discurso

Neste último item, sem nenhuma pretensão de fechamento, busca-se delimitar uma última reflexão sobre o sujeito do discurso como forma de abertura, como forma de pensar um prosseguimento de estudos discursivos sobre as letras coloniais.

Retomando-se o postulado bakhtiniano de que todo enunciado é um elo de uma cadeia dialógica, pode-se afirmar que cada enunciado “é a posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido. Por isso cada enunciado se caracteriza, antes de tudo, por certo conteúdo semântico-objetal” (BAKHTIN, 2016, p. 47). Assim, é porque há um discurso a exarar que os sujeitos discursivos – ou, se se quiser, os autores... – dispõem dos meios linguísticos e dos gêneros do discurso para o materializar.

Na abordagem discursiva, *lato senso*, pode-se dizer que “a *enunciação* não deve ser concebida como a apropriação, por um indivíduo, do

sistema da língua: o sujeito só acede à *enunciação* através das limitações múltiplas dos gêneros de discurso” (MAINGUENEAU, 1998, p. 53, grifos do original). Ao que se agrega: o sujeito discursivo só acede à enunciação para materializar um discurso.

Entretanto, há uma série de condicionantes e de restrições que impedem que este sujeito do discurso tenha domínio dos efeitos de sentido produzidos pelos enunciados efetivamente concretizados. Na abordagem discursiva, diz-se que o sujeito não é a origem dos sentidos. Isto, aparentemente, abre múltiplas possibilidades de estudo destas restrições e condicionantes nas letras coloniais.

Talvez valha pensar e finalizar com um exemplo, neste sentido. Quando Pécora (2001) escreve que as cartas jesuíticas “não testemunham, nem significam nada que a sua própria tradição e dinâmica formal não possa acomodar” (PÉCORA, 2001, p. 18), ele parece constatar a existência das restrições do gênero discursivo para o discurso. Assim, mesmo os conteúdos mais complexos das cartas jesuíticas, continua ele, tal como o “índio do jesuíta”, “são funções estritas dessa acomodação histórica de gênero” (PÉCORA, 2001, p. 18).

Desta maneira, a abertura para novos estudos está posta: Como compreender o complexo “índio do jesuíta” como uma construção discursiva que advém de múltiplas condicionantes históricas? Como compreender a autoria das cartas jesuíticas em termos de sujeito do discurso, para refletir sobre as noções, temas e assuntos apresentados nestes textos sem ligá-los aos sujeitos empíricos?



Referências

- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. 1 ed. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo/SP: Editora 34, 2016.
- BRAIT, B. Estilo. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4 ed. São Paulo/SP: Contexto, 2007.
- BRAIT, B.; MELO, R. de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4 ed. São Paulo/SP: Contexto, 2007.
- FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo/SP: Ática, 2008.
- HANSEN, J. A. O nu e a luz: cartas jesuíticas no Brasil. Nóbrega – 1549-1558. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo/SP, n. 38, pp. 87-119, 1995.
- HANSEN, J. A. Para ler as cartas do Pe. Antônio Vieira (1626-1697). *Teresa Revista de Literatura Brasileira*. São Paulo/SP, n. 8/9, pp. 264-299, 2008.
- HANSEN, J. A. *Agudezas seiscentistas e outros ensaios*. Organização de Cislaine Alves Cunha e Mayra Laudanna. São Paulo/SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.
- MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4 ed. São Paulo/SP: Contexto, 2007.
- MAINGUENEAU, D. *Termos-chave da análise do discurso*. Tradução de Márcio Venício Barbosa e Maria Emília Amarante Torres Lima. Belo Horizonte/MG: Ed. UFMG, 1998.

PÉCORA, A. A arte das cartas jesuíticas no Brasil. In: PÉCORA, Alcir. *Máquina de gêneros*. São Paulo/SP: EdUSP, 2001.

SHIBATA, R. H. O aporte retórico da enunciação: a arte epistolar segundo Erasmo de Rotterdam. *Revista Philologus*, ano 13, n. 38, Rio de Janeiro/RJ: CiFEFiL, Maio/Agosto, 2007.

Recebido em: 22/02/2022

Aprovado em: 16/09/2022

Licenciado por

